

**Senhora Presidente da Assembleia da República,**

**Senhor Presidente da Comissão de Ética, Cidadania e  
Comunicação,**

**Senhora Embaixadora da África do Sul,**

**Senhoras e Senhores Embaixadores,**

**Senhoras e Senhores Deputados,**

**Senhores convidados:**

No tempo dos sonhos podemos sonhar muitas coisas, às vezes os sonhos são coloridos. Às vezes temos pesadelos. Mas temos que sonhá-los todos para podermos preencher todas as lacunas do espírito e conhecer o lugar íntimo do coração humano e sermos dignos capitães da nossa alma.

Mandela capitaneou a sua alma e afirmou-o. Mandela não sonhou apenas, Mandela viveu. Os pesadelos e os sonhos estão marcados passo a passo em cada expressão vincada e em cada palavra proferida. Mas o seu olhar aconchega como se a sua história de vida fosse apenas e só um potentado de esperança sob todas as coisas e um exercício de bondade e clemência permanentes.

Em confissão íntima, em chamamento histórico e com um poema em vida. Mais agora. Não é por estar doente, não é por o sentirmos desprender-se do sonho que sonhou mostrando-nos a todos como é ser compelido pela consciência, não é porque se vai, porque um dia todos teremos que ir... É porque homens como Mandela não morrem, enaltecem a condição suprema do ser humano, na sua ligeireza quase divina de ser superior às

atrocidades e de vencer o próprio destino. E o sonho fica, num compasso agora que nos cumpre a todos dar seguimento.

Nelson Mandela não é um homem qualquer. Mas também é um homem entre tantos. No exemplo exaspera a sua mensagem de Paz, de resistência, de resiliência mesmo, de fé, de força intemporal e incognoscível.

No homem entre os outros foi filho, foi marido, é pai, é avô. Casou e casou outra vez. Amou e não teve medo de o mostrar. Nesse tocante, não foi apenas um líder, foi um homem como cada um de nós. Com afectos e ressurreições. Ele preocupou-se, por ter ascendido à posição de semi-deus – porque, como ele próprio afirmou, daí em diante ele não era mais um ser humano. “Ele queria ser conhecido como Mandela, um homem com fraquezas, algumas das quais são fundamentais, e um homem que é engajado.” Palavras dele.

Mas superou-se na dignidade com que leu o seu tempo, arrojou na mudança do seu País e libertou-se na liberdade que também conseguiu para si e para todos os negros da sua terra. Cumprindo o sonho na África do Sul com a opção da não-violência, ele se propagou com expressão daí para todo o mundo. E fê-lo quando ainda era como que herética a igualdade de direitos entre brancos e negros; entre homens e mulheres, entre corações carregados de sentimentos pesados e assombrações. Fê-lo reconhecendo como fundamentais muitos direitos sociais, arrastando consigo o direito à Educação, à Habitação e a igualdade de seres humanos iguais. Exemplo histórico de resistência, integridade a toda a prova e levante de Humanidade.

E por isso, quando um homem se entrega ao seu tempo, ao seu destino e o aceita como um mapa que existe na optimização do

Superior e do Justo, não há outro desígnio que não seja este de vénia pública, de encantamento, de assunção do sonho numa vida que está ali desnuda para que todos a possamos testemunhar.

Possamos ver em Madiba sempre um olhar maior e um coração mais pleno, confiante na justeza das coisas e actuante nas dificuldades do mundo. Não é grande quem quer, só é Grande quem consegue! Ele conseguiu. E usando um conselho que deu quando tomou posse como Presidente da África do Sul em 1994, quero concluir dizendo que: “à medida que deixou a sua própria Luz brilhar, inconscientemente deu a todos nós permissão para fazer o mesmo”...

Deixa-nos esta responsabilidade: de sonhar e agir o sonho.

Muito obrigada.